Porque não há uma greve geral?

Todos sabemos que a greve geral marcada para 24 de Novembro não resultará numa paragem total da economia capitalista, numa verdadeira greve geral. Mas também sabemos que isso não se deve à discordância da maioria dos trabalhadores com a necessidade de protestar ante as injustiças e a exploração de que são alvos ou com a greve como forma de luta. Que trabalhador não acredita que é necessário lutar contra a situação de precariedade e miséria em que se encontra a maioria dos trabalhadores neste país, causando algum dano àqueles que são os seus principais responsáveis e beneficiários – a classe política e patronal? Que trabalhador, a quem ainda reste um pouco de dignidade, não sente uma raiva a crescer-lhe nos dentes quando ouve os mesmos facínoras de sempre, com a barriga cheia de luxos e privilégios, a pedirem-lhe novos sacrifícios? Mas então, porque não há uma greve geral?

A resposta está no **medo** e no **isolamento** que nos foram impostos, o medo de sermos despedidos e de perdermos os poucos euros que nos dão ao fim do mês, impedem-nos de resistir, quando não nos levam mesmo a ver um inimigo, não naquele que nos explora, mas no colega que é explorado como nós. Sem termos nenhuma defesa face ao patrão, somos obrigados a aceitar todos os sacrifícios e humilhações. O isolamento reforça ainda mais o medo e impede-nos de procurar a nossa força na união com os nossos iguais, os demais explorados e humilhados. É preciso romper o isolamento de que somos vítimas e substituir a moral burguesa do cada um por si por uma ética do apoio-mútuo, praticando a solidariedade entre trabalhadores. **Quem temerá ser despedido se souber que uma multidão o vingará e que nenhum outro trabalhador ousará ocupar o seu lugar?**

Isto só será possível se recuperarmos a ideia-base que inspirou a formação dos primeiros sindicatos: "a emancipação dos trabalhadores só pode ser obra dos próprios trabalhadores". Saibamos então unir-nos, sem líderes nem representantes, discutindo os nossos problemas em assembleias de iguais, recorrendo à acção directa: sem intermediários (políticos ou burocratas sindicais), para agir pela resolução desses mesmos problemas, tendo sempre presente que os interesses dos que exploram e dos que são explorados jamais serão conciliáveis e que a nossa emancipação só advirá da destruição do capitalismo e do Estado.

Saibamos vencer o medo e o isolamento de que os nossos patrões se alimentam e poderemos ousar protestar. **E partindo de uma greve que os poderosos querem ordeira e inofensiva poderemos chegar a pôr em causa um sistema que nos transforma em escravos.**



Associação Internacional dos Trabalhadores – Secção Portuguesa - Núcleo de Lisboa

http://ait-sp.blogspot.com

Contra a Austeridade Capitalista, Guerra Social!

Escusado será dizer que o rumo da sociedade capitalista não é determinado pelos trabalhadores, mas pela burguesia, graças à força que a posse do capital lhe confere e por intermédio dos aparelhos partidários que lhe pertencem inteiramente e se vão revezando no poder. Se esse rumo que veio a ser delineado a partir de cima no decurso das últimas décadas conduziu a um beco sem saída, não será isso a impedir a classe dominante de tentar resolver o problema da maneira habitual: pondo-o às nossas costas.

Não, trabalhadores que somos, não nos compete preocuparmo-nos com o crédito, a banca, a dívida pública, as agências de rating, o FMI, e todo o restante palavreado da economia de crise que agora inunda as páginas dos jornais, mas antes com o desemprego, a precariedade, os salários de miséria, as pensões insuficientes e todos aqueles outros problemas que são efectivamente os nossos e que vemos agravarem-se dia após dia.

Tenhamos consciência de que estamos sozinhos. Comprometida com o sistema, os limites da acção da esquerda são aqueles que o próprio capitalismo lhe impõe e, face a uma crise sem fim à vista, já nem comportam aquelas medidas básicas de protecção social que lhe tiveram que ser arrancadas a ferros após a queda do fascismo. Depois de estabilizada a situação e desertas as ruas, tinha que se produzir, passo a passo, o inevitável: sem ter realmente o que temer e confrontada com os seus próprios problemas, a burguesia foi considerando excessivas as cedências do período anterior e recrudescendo em agressividade. A própria crise não fez mais do que fornecer o estímulo para aumentar o ritmo e o alcance do ataque burguês às nossas condições de existência.

A única alternativa a esta austeridade que o Estado e o patronato querem e precisam de nos impor só poderá vir de um combate mais duro e mais terrível do que tudo aquilo a que, até agora, viemos a ser habituados. É preciso reunir a força, a coragem, a organização e a determinação necessárias para o travar e para o levar, contra quem nos queira barrar o caminho, até às últimas consequências!

Toda a luta deve ser auto-organizada. Com aqueles que sofrem os mesmos problemas que nós, podemos criar grupos, assembleias, movimentos, sindicatos auto-organizados e lutar directamente, sem recurso a intermediários, tendo ao nosso lado apenas iguais, não renunciando a métodos, hoje malditos mas que já provaram a sua eficácia, como o bloqueio, a sabotagem, a greve 'selvagem' e, acima de tudo, a solidariedade e o apoio-mútuo entre explorados e oprimidos em luta.

Contra a exploração capitalista! Pela igualdade social!

Unidos e auto-organizados, nós damos-lhes a crise!

Novembro 2011

Porque não há uma greve geral?

Todos sabemos que a greve geral marcada para 24 de Novembro não resultará numa paragem total da economia capitalista, numa verdadeira greve geral. Mas também sabemos que isso não se deve à discordância da maioria dos trabalhadores com a necessidade de protestar ante as injustiças e a exploração de que são alvos ou com a greve como forma de luta. Que trabalhador não acredita que é necessário lutar contra a situação de precariedade e miséria em que se encontra a maioria dos trabalhadores neste país, causando algum dano àqueles que são os seus principais responsáveis e beneficiários – a classe política e patronal? Que trabalhador, a quem ainda reste um pouco de dignidade, não sente uma raiva a crescer-lhe nos dentes quando ouve os mesmos facínoras de sempre, com a barriga cheia de luxos e privilégios, a pedirem-lhe novos sacrifícios? Mas então, porque não há uma greve geral?

A resposta está no **medo** e no **isolamento** que nos foram impostos, o medo de sermos despedidos e de perdermos os poucos euros que nos dão ao fim do mês, impedem-nos de resistir, quando não nos levam mesmo a ver um inimigo, não naquele que nos explora, mas no colega que é explorado como nós. Sem termos nenhuma defesa face ao patrão, somos obrigados a aceitar todos os sacrifícios e humilhações. O isolamento reforça ainda mais o medo e impede-nos de procurar a nossa força na união com os nossos iguais, os demais explorados e humilhados. É preciso romper o isolamento de que somos vítimas e substituir a moral burguesa do cada um por si por uma ética do apoio-mútuo, praticando a solidariedade entre trabalhadores. **Quem temerá ser despedido se souber que uma multidão o vingará e que nenhum outro trabalhador ousará ocupar o seu lugar?**

Isto só será possível se recuperarmos a ideia-base que inspirou a formação dos primeiros sindicatos: "a emancipação dos trabalhadores só pode ser obra dos próprios trabalhadores". Saibamos então unir-nos, sem líderes nem representantes, discutindo os nossos problemas em assembleias de iguais, recorrendo à acção directa: sem intermediários (políticos ou burocratas sindicais), para agir pela resolução desses mesmos problemas, tendo sempre presente que os interesses dos que exploram e dos que são explorados jamais serão conciliáveis e que a nossa emancipação só advirá da destruição do capitalismo e do Estado.

Saibamos vencer o medo e o isolamento de que os nossos patrões se alimentam e poderemos ousar protestar. **E partindo de uma greve que os poderosos querem ordeira e inofensiva poderemos chegar a pôr em causa um sistema que nos transforma em escravos.**



Associação Internacional dos Trabalhadores – Secção Portuguesa - Núcleo de Lisboa

http://ait-sp.blogspot.com

Contra a Austeridade Capitalista, Guerra Social!

Escusado será dizer que o rumo da sociedade capitalista não é determinado pelos trabalhadores, mas pela burguesia, graças à força que a posse do capital lhe confere e por intermédio dos aparelhos partidários que lhe pertencem inteiramente e se vão revezando no poder. Se esse rumo que veio a ser delineado a partir de cima no decurso das últimas décadas conduziu a um beco sem saída, não será isso a impedir a classe dominante de tentar resolver o problema da maneira habitual: pondo-o às nossas costas.

Não, trabalhadores que somos, não nos compete preocuparmo-nos com o crédito, a banca, a dívida pública, as agências de rating, o FMI, e todo o restante palavreado da economia de crise que agora inunda as páginas dos jornais, mas antes com o desemprego, a precariedade, os salários de miséria, as pensões insuficientes e todos aqueles outros problemas que são efectivamente os nossos e que vemos agravarem-se dia após dia.

Tenhamos consciência de que estamos sozinhos. Comprometida com o sistema, os limites da acção da esquerda são aqueles que o próprio capitalismo lhe impõe e, face a uma crise sem fim à vista, já nem comportam aquelas medidas básicas de protecção social que lhe tiveram que ser arrancadas a ferros após a queda do fascismo. Depois de estabilizada a situação e desertas as ruas, tinha que se produzir, passo a passo, o inevitável: sem ter realmente o que temer e confrontada com os seus próprios problemas, a burguesia foi considerando excessivas as cedências do período anterior e recrudescendo em agressividade. A própria crise não fez mais do que fornecer o estímulo para aumentar o ritmo e o alcance do ataque burguês às nossas condições de existência.

A única alternativa a esta austeridade que o Estado e o patronato querem e precisam de nos impor só poderá vir de um combate mais duro e mais terrível do que tudo aquilo a que, até agora, viemos a ser habituados. É preciso reunir a força, a coragem, a organização e a determinação necessárias para o travar e para o levar, contra quem nos queira barrar o caminho, até às últimas consequências!

Toda a luta deve ser auto-organizada. Com aqueles que sofrem os mesmos problemas que nós, podemos criar grupos, assembleias, movimentos, sindicatos auto-organizados e lutar directamente, sem recurso a intermediários, tendo ao nosso lado apenas iguais, não renunciando a métodos, hoje malditos mas que já provaram a sua eficácia, como o bloqueio, a sabotagem, a greve 'selvagem' e, acima de tudo, a solidariedade e o apoio-mútuo entre explorados e oprimidos em luta.

Contra a exploração capitalista! Pela igualdade social!

Unidos e auto-organizados, nós damos-lhes a crise!

Novembro 2011